

BRUNA DE SANTA ISABEL CÉO

**A PROTEÇÃO NA MIRA DA ARMA: UMA ANÁLISE JUNGUIANA
DA MATERNIDADE NA SÉRIE “OS OUTROS” (2023)**

BRUNA DE SANTA ISABEL CÉO

**A PROTEÇÃO NA MIRA DA ARMA: UMA ANÁLISE JUNGUIANA
DA MATERNIDADE NA SÉRIE “OS OUTROS” (2023)**

Artigo apresentado como requisito para a avaliação
no componente curricular Trabalho de Conclusão de
Curso II, no curso de graduação em Psicologia da
Faculdade de Ilhéus (CESUPI).

Orientador/a: Prof. Dr. Murillo Cesar da Silva Silva

**ILHÉUS-BAHIA
2026**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO FOLHA DE

APROVAÇÃO

**Título: A PROTEÇÃO NA MIRA DA ARMA: UMA ANÁLISE JUNGUIANA DA
MATERNIDADE NA SÉRIE “OS OUTROS” (2023)**

Discente: Bruna de Santa Isabel Céio

Data de aprovação: 15/06/2026

BANCA EXAMINADORA



Documento assinado digitalmente

MURILLO CESAR DA SILVA SILVA

Data: 15/06/2026 16:21:00-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>



Documento assinado digitalmente

VALTER MANOEL DA SILVA JUNIOR

Data: 15/06/2026 16:29:17-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>



Documento assinado digitalmente

LAHIRI LOURENCO ARGOLLO

Data: 15/06/2026 17:52:57-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

A PROTEÇÃO NA MIRA DA ARMA: UMA ANÁLISE JUNGUIANA DA MATERNIDADE NA SÉRIE “OS OUTROS” (2023)

Bruna de Santa Isabel Céio^{1*}
Murillo Cesar da Silva Silva^{2**}

RESUMO

Este trabalho analisa a representação da maternidade no primeiro episódio da série brasileira *Os Outros* (2023), produzida pelo Globoplay em parceria com os Estúdios Globo, a partir da Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung. Para isso, parte-se do seguinte problema de pesquisa: de que forma a representação da maternidade na primeira temporada da série *Os Outros* (2023) exemplifica os elementos simbólicos associados ao arquétipo materno devorador? O objetivo geral consiste em analisar a maternidade apresentada na série à luz do arquétipo materno em seu polo negativo, compreendendo como o cuidado, quando atravessado pelo medo e pela necessidade de controle, pode converter-se em dinâmica de retenção psíquica. Especificamente, busca-se apresentar o conceito de arquétipo materno na Psicologia Analítica; identificar cenas e diálogos que evidenciem padrões de superproteção, fusão psíquica e supressão da autonomia; bem como interpretar a atualização contemporânea desse arquétipo na narrativa audiovisual. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa básica, descritiva, qualitativa, bibliográfica e documental, pautada numa revisão narrativa sustentada por uma análise hermenêutica-junguiana do episódio selecionado. A fundamentação teórica apoia-se principalmente em Jung (2014a; 2014b), Neumann (1999), Fordham (2006), Hall (2021) e Kalsched (2013), com ênfase nos conceitos de arquétipo e arquétipo materno. A análise indica que Cibele não é representada como uma mãe negligente, mas como uma figura profundamente implicada no cuidado do filho, cuja tentativa de proteção se intensifica até assumir formas de controle, infantilização e ameaça à autonomia adolescente, atualizando simbolicamente o polo devorador do arquétipo materno.

Palavras-chave: Arquétipo Materno. Polo devorador. Psicologia Analítica.

1 INTRODUÇÃO

A série *Os Outros* (2023), disponibilizada pela plataforma de *streaming* Globoplay, apresenta uma narrativa centrada em conflitos familiares e na dinâmica entre mãe e filho adolescente, explorando questões de cuidado, proteção e controle em um contexto urbano contemporâneo. A primeira temporada evidencia padrões de superproteção materna e intervenções constantes, nos quais a mãe assume responsabilidades, decisões e riscos que, sob a perspectiva da Psicologia Analítica, afetam a autonomia do adolescente. Tais elementos tornam a série um objeto privilegiado para a análise do arquétipo materno devorador, conforme formulado por Carl Gustav Jung (2014a; 2014b), possibilitando investigar suas manifestações simbólicas e suas implicações no processo de individuação do sujeito adolescente.

Diante disso, questiona-se: de que forma a representação da maternidade na primeira temporada da série *Os Outros* (2023) exemplifica os elementos simbólicos

^{1*} Graduanda em Psicologia pela Faculdade de Ilhéus.

^{2**} Doutor em Literatura e Cultura pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e Professor do Curso de Psicologia da Faculdade de Ilhéus.

associados ao arquétipo materno devorador? A fim de investigar esse problema de pesquisa, o estudo tem como objetivo geral analisar a maternidade representada na série a partir dos aspectos do arquétipo materno devorador.

Como objetivos específicos, busca-se: apresentar o conceito de arquétipo materno na Psicologia Analítica, destacando sua dimensão ambivalente e sua manifestação negativa enquanto dinâmica de retenção psíquica; identificar cenas e diálogos da série que evidenciem padrões relacionais de superproteção e controle, analisando-os à luz das categorias de fusão psíquica e supressão da autonomia; e interpretar se a representação analisada configura uma atualização contemporânea do arquétipo materno devorador.

A investigação caracteriza-se como um estudo de natureza básica, descritiva, qualitativa, de caráter bibliográfico e documental, pautada numa revisão narrativa e numa análise hermenêutica-junguiana. Inicialmente, foi realizada a análise da primeira temporada da série *Os Outros* (2023), com a descrição e interpretação de cenas pertinentes à temática do arquétipo materno devorador e à influência do arquétipo materno no processo de individuação do adolescente. As cenas foram selecionadas com base em categorias analíticas construídas a partir de eixos teóricos da Psicologia Analítica, incluindo fusão psíquica, supressão da autonomia, controle disfarçado de cuidado e efeitos da intervenção materna na separação psíquica do adolescente. Por sua vez, a análise interpretativa fundamenta-se no conceito de arquétipo materno de Jung (2014a; 2014b), e nas observações de autores pós-junguianos acerca deste conceito, como Hall (2021), Kalsched (1996/2013), Fordham (2006), e Neumann (1999).

A seguir, apresentam-se os procedimentos metodológicos utilizados neste trabalho. Feito isso, adentra-se na fundamentação teórica com a apresentação do conceito de arquétipo materno sob a perspectiva da Psicologia Analítica. Apresentado o conceito, a pesquisa prossegue com uma análise interpretativa, discutindo a representação do polo devorar do arquétipo materno no episódio selecionado da série. Por fim, são discutidas as considerações finais que emergiram desta pesquisa.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa de natureza básica, descritiva, com abordagem qualitativa, de caráter bibliográfico e documental,

assentada numa revisão narrativa e numa análise hermenêutica-junguiana. A escolha por uma abordagem qualitativa se justifica pela própria natureza do objeto de estudo, uma vez que a investigação busca compreender significados, padrões simbólicos e dinâmicas psíquicas presentes em uma narrativa audiovisual, não se restringindo à mensuração de dados, mas à análise de conteúdo que, na concepção de Bardin (2016), consiste em técnicas de investigação as quais visam - a partir da sistematização de procedimentos - à obtenção do conteúdo das mensagens que permitem inferir conhecimentos referentes às condições de produção e recepção dessas mensagens.

O *corpus* da pesquisa é constituído pela primeira temporada da série *Os Outros* (2023). A escolha desse recorte não é aleatória, visto que o episódio inicial apresenta de forma concentrada os principais elementos que estruturam a narrativa, incluindo os conflitos familiares, as tensões nas relações interpessoais e, sobretudo, os padrões de comportamento materno que sustentam a problemática central deste estudo. Além disso, por se tratar do primeiro contato do espectador com as personagens, esse episódio estabelece as bases das dinâmicas cujo desenvolvimento se torna material relevante para análise.

A seleção das cenas analisadas foi orientada por critérios teóricos previamente definidos, com base no conceito de arquétipo materno da Psicologia Analítica, especialmente em seu polo devorador. Consideraram-se, portanto, cenas que evidenciam comportamentos de superproteção, controle excessivo, dificuldade de separação e interferência nas decisões do filho. Além disso, incluíram-se situações em que o cuidado se apresenta de forma ambivalente, ou seja, ao mesmo tempo em que protege, limita a autonomia do adolescente.

Para além das ações explícitas, a análise também considerou elementos simbólicos presentes nos diálogos, nas atitudes e nas reações emocionais das personagens, buscando identificar indícios de fusão psíquica, supressão da autonomia e dependência emocional. Dessa forma, o critério de seleção abrange a construção relacional entre mãe e filho, observando como determinados padrões se repetem e se consolidam ao longo do episódio.

O procedimento de análise consistiu, inicialmente, na visualização integral do episódio, seguida de revisões direcionadas com foco nas cenas selecionadas. Em um segundo momento, realizou-se a descrição dessas cenas, destacando os elementos relevantes para a compreensão da dinâmica materna. Posteriormente,

essas descrições foram interpretadas à luz do referencial teórico adotado, articulando os conceitos de arquétipo, ambivalência materna, mãe nutridora e mãe devoradora.

A condução da análise ocorreu a partir de uma perspectiva hermenêutica-junguiana, considerando que as manifestações observadas na narrativa não se limitam ao nível comportamental, mas expressam conteúdos psíquicos mais profundos por meio de símbolos e arquétipos. Assim, buscou-se compreender não apenas o que acontece nas cenas, mas o que essas situações representam em termos de dinâmica psíquica e relacional.

Por fim, destaca-se que a interpretação dos dados não pretende esgotar os significados possíveis da obra analisada, haja vista que o símbolo é inesgotável em si, na perspectiva da Psicologia Analítica. Contudo, visa-se oferecer uma leitura fundamentada que contribua para a compreensão das manifestações contemporâneas do arquétipo materno devorador. Dessa forma, o estudo reconhece o caráter aberto e interpretativo desta análise, valorizando a articulação entre teoria e objeto como caminho para a construção do conhecimento.

3 O ARQUÉTIPO MATERNO NA PSICOLOGIA ANALÍTICA

A psique humana, sob a perspectiva da Psicologia Analítica, é composta por dimensões conscientes e inconscientes, em que a última é subdividida em inconsciente pessoal e inconsciente coletivo. Segundo Jung (2014b), o inconsciente pessoal é formado por conteúdos oriundos das experiências individuais do sujeito, incluindo lembranças reprimidas, esquecidas ou emocionalmente significativas, organizadas em complexos. Já o inconsciente coletivo corresponde a uma camada mais profunda e universal da psique, constituído pelos arquétipos, estruturas universais que se manifestam por meio de imagens, padrões de comportamento e símbolos compartilhados por toda a humanidade. Eles são considerados a estrutura básica e universal da psique, a qual estabelecem padrões arquetípicos, ou seja, padrões formais de ação (Hillman, 2010).

Hall (2021) complementa que os arquétipos funcionam como centros de complexos psíquicos, os quais não apenas moldam comportamentos e experiências, mas também demonstram como elementos universais do inconsciente coletivo interagem com experiências individuais para formar a personalidade. Embora sejam

universais, os arquétipos não permanecem estáticos, mas atualizam-se conforme o contexto histórico, social e cultural, de modo que cada época imprime novas formas de expressão a esses padrões, sem que sua essência seja perdida. No mundo ocidental contemporâneo, essa atualização pode ser observada, sobretudo, em produções artísticas e midiáticas, que incorporam e ressignificam conteúdos arquetípicos.

De acordo com Jung (2014a), os conteúdos arquetípicos são expressos por meio de símbolos, mitos, contos de fadas e produções culturais. Nesse sentido, funcionam como matrizes organizadoras das experiências individuais e coletivas, influenciando pensamentos, sentimentos e decisões de maneira inconsciente. Os arquétipos não possuem valor moral intrínseco, podendo se expressar tanto de maneira construtiva quanto limitadora, a depender da relação estabelecida com a consciência e das vivências do sujeito.

Etimologicamente, o termo arquétipo remonta ao grego *arché* (ἀρχή), que designa início, origem e, em sentido ampliado, aquilo que é arcaico, primitivo, primordial e elementar, articulando-se a *týpos* (τύπος), cuja acepção remete à ideia de impressão, marca ou forma impressa. Nesse horizonte, o arquétipo pode ser compreendido como uma marca primordial do humano inscrita no próprio humano, não como entidade exterior ou fundamento metafísico, mas como disposição estrutural básica que organiza possibilidades de experiência, imaginação e significação (Vieira Neto; Xavier; Santos, 2020).

Trata-se, portanto, de uma matriz psíquica capaz de favorecer a emergência de certas narrativas míticas, imagens poéticas, tonalidades afetivas e impulsos de ação diante de situações típicas da existência. Mais do que um “pensamento elementar”, o arquétipo comparece como fantasia, emoção, imagem e tendência dinâmica, condensando modos recorrentes pelos quais a humanidade simboliza seus conflitos, desejos, passagens e impasses. Assim, as dinâmicas arquetípicas, ao se expressarem nas produções imagéticas, artísticas e culturais dos povos, revelam formas recorrentes de elaboração simbólica dos dramas humanos fundamentais, atravessando diferentes sociedades e épocas como inscrições profundas da experiência coletiva (Vieira Neto; Xavier; Santos, 2020).

Dessa forma, o arquétipo não se apresenta inicialmente como uma imagem definida, mas como uma potencialidade que se concretiza nas experiências do sujeito. Assim, os arquétipos podem ser compreendidos como disposições para a

ação e para a formação de imagens, conforme a vivência individual (Jung, 2014a). Kalsched (2013) observa que, diante de experiências traumáticas, aspectos defensivos associados aos arquétipos podem ser ativados, originando mecanismos de autoproteção que, embora inicialmente necessários, podem limitar a autonomia e dificultar o desenvolvimento emocional.

Ao considerar o arquétipo materno, Neumann (1999) enfatiza que o arquétipo materno exerce papel estruturante na constituição psíquica inicial, influenciando profundamente as experiências de cuidado, proteção e dependência. Essa influência não se restringe à infância, estendendo-se ao longo da vida e impactando as formas de relacionamento e posicionamento do indivíduo no mundo. Ainda em conformidade com o autor, o arquétipo materno apresenta polaridades opostas: por um lado o polo nutridor, caracterizado pelo cuidado, proteção e apoio emocional e, por outro lado, o polo devorador, marcado pelo controle excessivo, superproteção e fusão psíquica

O polo nutridor é essencial para o desenvolvimento emocional e psicológico da criança, promovendo segurança, confiança e capacidade de enfrentar desafios de forma autônoma. Ao criar um ambiente de cuidado equilibrado, a mãe nutridora favorece o processo de individuação, permitindo que o adolescente construa sua identidade e explore limites de maneira segura. Em contraste, o polo devorador atua como um impasse no processo de individuação. Ele pode ser visto em atitudes tal como a assunção de responsabilidades que caberiam à criança, expressar-se por ele e desqualificar sua capacidade de tomar decisões (Jung, 2020). Diante disso, Kalsched (2013) pontua que, em contextos de trauma ou insegurança, o arquétipo devorador cria defesas psíquicas que limitam o desenvolvimento emocional, reforçando padrões de dependência e fusão psíquica.

Quando a mãe devoradora controla de forma excessiva, impede experiências de separação simbólica, podendo produzir ansiedade para o adolescente em seu processo de desenvolvimento, além de reforçar padrões defensivos que podem perdurar na vida adulta. A compreensão do arquétipo materno exige análise da tensão entre cuidado genuíno e controle, reconhecendo que ambos coexistem e impactam o desenvolvimento psicológico do sujeito.

Por fim, o arquétipo materno, apesar de adquirir seus contornos conforme a vivência individual, atravessa a experiência de todo ser humano, pois a maternidade é que concebe o movimento de nascimento e vida. Um conflito com esse arquétipo,

então, é tido como uma questão fundamental e universal, motivo pelo qual existem tantas produções simbólicas que retratam o materno. Diante disso, propõe-se a seguir uma compreensão da narrativa e do caráter arquetípico da série *Os Outros* (2023) a partir da representação da maternidade.

4 CIBELE COMO REPRESENTAÇÃO CONTEMPORÂNEA DO ARQUÉTIPO MATERNO DEVORADOR

Os Outros (2023) é uma série televisiva brasileira produzida pelo Globoplay em parceria com os Estúdios Globo, cuja narrativa se inscreve no espaço aparentemente ordenado de um condomínio no Rio de Janeiro para revelar, sob a superfície da convivência cotidiana, as fraturas sociais, afetivas e morais que atravessam a vida urbana contemporânea. Lançada em 31 de maio de 2023 na plataforma de *streaming*, a produção alcançou expressiva repercussão junto ao público, consolidando-se como fenômeno de audiência e renovada para temporadas seguintes.

A primeira temporada da série possui como enredo inicial um desentendimento entre adolescentes que toma proporções cada vez maiores e tensiona a convivência, até então civilizada, em um espaço de aparente tranquilidade de um condomínio situado na Barra da Tijuca, zona oeste do Rio de Janeiro. Marcinho (Antonio Haddad) e Rogério (Paulo Mendes), vizinhos no condomínio Barra Star Dream, envolvem-se em uma briga que, embora inicialmente pareça banal, rapidamente ganha proporções alarmantes ao convocar seus familiares para uma cena de rivalidade crescente.

De um lado, Cibele (Adriana Esteves) e Amâncio (Thomás Aquino) procuram proteger o filho e preservar a ilusão de controle sobre os acontecimentos; de outro, Mila (Maeve Jinkings) e Wando (Milhem Cortaz) respondem ao episódio a partir de uma dinâmica familiar atravessada pela violência, pelo medo e pela instabilidade afetiva. Assim, aquilo que poderia ser resolvido como um impasse juvenil converte-se em uma espiral de hostilidade, na qual a tentativa de defesa dos filhos cede lugar a disputas narcísicas, ressentimentos acumulados e segredos que cada família busca manter fora do olhar coletivo.

Enquanto Cibele se esforça para sustentar uma posição de ordem diante do caos que se instala, Amâncio é progressivamente capturado pelas pequenas guerras simbólicas do condomínio, tornando-se parte ativa de um conflito que já não

se limita aos adolescentes. Do outro lado, Mila enfrenta não apenas a tensão com os vizinhos, mas também a presença abusiva de Wando, homem violento e imprevisível, cuja atuação intensifica o clima de ameaça e desloca o conflito para o campo do terror doméstico e social.

Paralelamente, Sérgio (Eduardo Sterblitch), ex-policial de passado controverso, observa os acontecimentos de maneira ambígua, como alguém que ronda a cena à espera do momento oportuno para intervir, vigiar ou manipular. À medida que os acontecimentos se intensificam, alianças inesperadas se formam, limites éticos são ultrapassados e a briga inicial entre adolescentes revela-se apenas a superfície de um confronto mais amplo entre famílias, classes, fantasias de segurança e modos violentos de exercer poder.

Contextualizada a narrativa da primeira temporada, cabe elucidar aqui o roteiro abordado no primeiro episódio da série, tendo em vista que este foi o episódio selecionado para a análise. Neste, o conflito tem início quando Marcinho, adolescente mais retraído, e Rogério, vizinho de temperamento mais provocador, se envolvem em uma briga dentro do condomínio em que vivem. A situação, que poderia permanecer circunscrita aos próprios jovens, rapidamente se desloca para o campo dos adultos. Cibeles, mãe de Marcinho, interpreta o episódio como uma ameaça ao filho e passa a confrontar a família de Rogério, enquanto Wando, pai do outro adolescente e caracterizado como um homem violento, responde de modo agressivo e intimidatório. Em meio à tensão crescente, Cibeles, tomada pela raiva, arranha o carro de Wando, gesto que faz o conflito atingir outro patamar, pois ele passa a persegui-la e a ameaçá-la. Sentindo-se acuada e sem encontrar no condomínio ou nas relações de vizinhança uma proteção efetiva, Cibeles decide comprar uma arma para defender a si e a sua família.

A partir disso, o episódio permite observar de forma concentrada a construção da relação entre Cibeles e Marcinho, mãe e filho, evidenciando padrões de cuidado, controle e dificuldade de separação que dialogam diretamente com o arquétipo materno em sua dimensão ambivalente. Ao longo das cenas, torna-se possível identificar elementos de superproteção, fusão psíquica e supressão da autonomia, que caracterizam a manifestação do polo devorador do arquétipo materno. A partir das cenas previamente descritas, evidencia-se como, em diferentes momentos, o comportamento da personagem Cibeles revela uma dificuldade em diferenciar

cuidado de controle, interferindo diretamente no processo de individuação do filho adolescente, Marcinho.

Observa-se, logo na cena inicial, um dos elementos mais significativos para a compreensão da dinâmica apresentada ao longo da série. Cibeles decide adquirir uma arma de fogo com o vizinho e ex-policia, justificando sua atitude a partir de uma necessidade de proteção. Ao afirmar que o valor pago na arma “é tudo que ela tem”, a personagem evidencia não apenas uma decisão impulsiva, mas também um estado emocional marcado por medo e sensação de ameaça constante. Na cena, Cibeles deixa o filho do lado de fora enquanto realiza a compra, ao mesmo tempo em que se envolve em uma situação de risco, o que revela uma contradição importante marcada pela tentativa de proteger o filho ainda que por meio de uma ação potencialmente perigosa. Essa cena antecipa a própria lógica do arquétipo materno devorador, em que o cuidado se manifesta de forma distorcida, atravessado por ansiedade e controle.

Ao ser perguntada pelo ex-policia, que lhe vendeu a arma, se ela possui filho/criança em casa, Cibeles responde que sim, ainda que seu filho, aos 14 anos, já seja considerado um adolescente. Isso demonstra a representação infantil do filho, incongruente com o período da vida dele, além de exemplificar um ato de fusão psíquica, em que a mãe bloqueia a separação simbólica do vínculo bebê/criança-mãe. Esse impasse dificulta a diferenciação egóica do adolescente, pois a infantilização dele busca manter um estado de dependência e necessidade constante de proteção, o que, inclusive, justificaria para a mãe a decisão extrema de comprar uma arma para protegê-lo.

A narrativa estabelece um contraste simbólico entre passado e presente. Ao lembrar o momento da mudança para o novo apartamento, Cibeles aparece como uma mãe que incentiva a liberdade do filho, afirmando que agora, na nova moradia, ele poderia brincar, andar de bicicleta e “fazer tudo”, uma vez que no antigo bairro era muito perigoso. Ela acreditava que, com a mudança, o filho estaria protegido da violência fora do condomínio. No entanto, essa promessa de liberdade entra em conflito com os acontecimentos posteriores, apresentados no tempo presente, quando Marcinho, já adolescente, se envolve em uma briga e sofre agressões de Rogério, um outro adolescente que reside no mesmo condomínio.

A reação de Cibeles diante da situação é marcada por desespero intenso, dificuldade de escuta e necessidade imediata de intervenção externa. No momento

de desespero, ao ver o filho caído no chão, ela fala que vai ter que resolver a situação na delegacia, em vez de priorizar apenas o cuidado com a saúde do filho. A personagem demonstra aqui uma tendência a assumir o controle da situação, deslocando o foco da experiência do filho para sua própria forma de lidar com o conflito. Essa mudança evidencia a transformação do cuidado em controle, aspecto central do polo devorador descrito por Erich Neumann (1999).

Há ainda uma evidente diferença entre a posição paterna e materna na série. Enquanto o pai tenta minimizar o ocorrido e incentivar o filho a seguir em frente, Cibeles demonstra dificuldade em se afastar da situação, afirmando que não consegue parar de pensar no que aconteceu. Sua necessidade de permanecer ao lado do filho, mesmo quando ele já está sendo cuidado, indica um movimento de aproximação excessiva, característico da fusão psíquica (Fordham, 2006). Nesse contexto, o filho não é percebido como sujeito autônomo, mas como extensão da própria mãe, o que reforça a dificuldade de separação.

Diante do pedido de desculpas de Vando, o pai do garoto agressor, a personagem reage de forma desproporcional, enfatizando a gravidade da situação e recusando qualquer possibilidade de mediação. A fala de Cibeles, ao afirmar que o comportamento do outro adolescente é um comportamento de “bandido”, revela uma tendência à radicalização e à ampliação do conflito. Durante a discussão, Cibeles cospe no rosto de Vando, momento que marca uma ruptura importante, evidenciando como a emoção ultrapassa a racionalidade. Nesse ponto, o cuidado com o filho se transforma em uma postura defensiva extrema, que contribui para a escalada da violência. Essa reação pode ser compreendida como expressão de um complexo ativado, no qual o arquétipo materno assume uma forma mais rígida e menos consciente (Kalsched, 2013).

O uso de medicamentos calmantes indica um estado de sobrecarga emocional e dificuldade de regulação afetiva, podendo observar o impacto dessa dinâmica na própria Cibeles. A recusa em interromper o uso dos remédios, mesmo diante da preocupação do marido, sugere uma tentativa de lidar com a ansiedade gerada pela situação, sem, no entanto, elaborar simbolicamente o que está sendo vivido. Esse aspecto dialoga com a ideia discutida por Kalsched (2013) de que, em contextos de sofrimento, a psique pode recorrer a mecanismos de defesa que, embora aliviam momentaneamente a tensão, não promovem transformação.

Ao perceber que Marcinho evita a piscina após ser alvo de comentários dos outros adolescentes, a mãe interpreta a situação como uma questão que precisa ser resolvida por ela. Sua decisão de ir até a piscina e confrontar os jovens, afirmando que o filho “vai fazer o que quiser”, retoma a mesma fala utilizada no passado, mas agora em um contexto completamente diferente. O que antes aparecia como incentivo à liberdade passa a assumir um tom impositivo, que desconsidera a experiência emocional do filho naquele momento. A reação dos adolescentes, ao chamá-la de “maluca”, evidencia o deslocamento entre a intenção da personagem e o efeito de suas ações.

O conflito atinge seu ponto máximo no ato de riscar o carro de Vando, realizado de forma deliberada, representando uma escalada significativa no comportamento de Cibele e indicando perda de controle e intensificação da agressividade. A sequência que se segue, com a invasão do prédio, as ameaças e a intervenção policial, mostra como a dinâmica inicial se amplia, envolvendo outros personagens e gerando consequências mais graves. Nesse momento, o cuidado com o filho já não se apresenta como proteção, mas como um movimento que alimenta o conflito e aumenta o risco para todos os envolvidos.

Observa-se que o desfecho do episódio é a retomada da cena inicial, na qual Cibele compra a arma. A conversa com o ex-policial reforça a percepção de ameaça e legítima, para Cibele, a necessidade de se proteger. Ao afirmar que talvez seja necessário mudar o endereço, a personagem reconhece a gravidade da situação, todavia ainda não consegue romper com o padrão de controle. O momento em que o filho se deita ao seu lado e ela afirma que “ninguém vai machucá-lo” retrata, de forma simbólica, a fusão psíquica entre ambos. O filho retorna ao espaço da mãe, não apenas fisicamente, mas também emocionalmente, reforçando a dependência.

A última cena, que revela a motivação da compra da arma, fecha o episódio retomando o ponto inicial e consolidando a lógica que atravessa toda a narrativa. O medo, a sensação de ameaça e a necessidade de controle levam Cibele a tomar decisões que, embora justificadas como proteção, acabam reforçando a dinâmica do arquétipo materno devorador. Nesse sentido, a série evidencia como o cuidado, quando atravessado por ansiedade e dificuldade de separação, pode se transformar em um fator que limita a autonomia e interfere no processo de individuação do adolescente.

Assim, a análise das cenas permite compreender que a relação entre Cibeles e Marcinho não se organiza apenas em torno do cuidado, mas também de uma dificuldade de diferenciação, na qual a mãe assume para si experiências que já poderiam ser vividas pelo filho. Essa dinâmica, longe de ser excepcional, reflete padrões simbólicos mais amplos, que continuam presentes nas relações contemporâneas, atualizando o arquétipo materno em sua dimensão ambivalente.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise qualitativa da série, identificou-se que a relação entre Cibeles e seu filho Marcinho é atravessada por uma dinâmica marcada pela superproteção, pelo controle e pela dificuldade de separação, elementos que dialogam diretamente com o polo negativo do arquétipo materno. A maternidade representada na narrativa evidencia a permanência de padrões simbólicos universais relacionados ao cuidado e ao controle, manifestando-se por meio de comportamentos que, embora justificados como proteção, acabam interferindo na autonomia do adolescente. Ao longo das cenas analisadas, percebe-se que as atitudes de Cibeles não se limitam ao cuidado em si, mas revelam uma tendência à fusão psíquica e à supressão da individualidade do filho, o que dificulta o processo de individuação e de desenvolvimento da autonomia dele.

A análise também evidenciou a ambivalência do arquétipo materno, conforme discutido por Erich Neumann (1999). A personagem Cibeles não se apresenta como uma mãe negligente ou ausente, mas como alguém profundamente envolvida e preocupada com o bem-estar do filho. No entanto, é justamente esse envolvimento intenso que, em determinados momentos, assume uma forma excessiva, transformando o cuidado em controle. Essa dualidade reforça a complexidade da maternidade, evidenciando que o mesmo movimento psíquico pode tanto sustentar quanto limitar o desenvolvimento do outro.

Além disso, os resultados apontam que a dificuldade de separação entre mãe e filho está associada a sentimentos de medo, insegurança e necessidade de controle, que se intensificam diante de situações de conflito. Como discutido ao longo do trabalho, autores como Kalsched (2013) e Fordham (2006) destacam que, em contextos de sofrimento psíquico, a tendência à proteção pode se tornar rígida, dificultando o desenvolvimento da autonomia. No caso analisado, isso se manifesta

em decisões impulsivas, intervenções constantes e dificuldade de reconhecer o filho como sujeito independente.

Esta pesquisa destaca a pertinência no diálogo entre arte, produção audiovisual e Psicologia Analítica. A partir do conceito de arquétipo materno para interpretar uma série brasileira contemporânea, fica evidente como os arquétipos podem ser atualizados socialmente sem que se altere o drama humano primevo que o sustenta e sem que se desconsidere a importância da arte enquanto meio de expressão arquetípica. Assim, sugere-se que pesquisas futuras explorem a relação entre arquétipo e cinema brasileiro em suas diversas modalidades e épocas, bem como a maneira pela qual o audiovisual, ao retratar imagens arquetípicas, favorece uma ressonância subjetiva e um processo de identificação ao espectador.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.

FORDHAM, M. **A criança como indivíduo**. São Paulo: Cultrix, 2006.

HALL, C. S. **Introdução à psicologia junguiana**. 3. ed. São Paulo: Vozes, 2021.

HILLMAN, J. **Re-vendo a psicologia**. Petrópolis: Vozes, 2010.

JUNG, C. G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Tradução de Maria Luiza Appy e Dora Mariana R. Ferreira da Silva. Petrópolis: Vozes, 2014a. (Obras Completas de C. G. Jung; vol. 9/1)

JUNG, C. G. **O eu e o inconsciente**. Tradução de Dora Mariana R. Ferreira da Silva. Petrópolis: Vozes, 2014b. (Obras Completas de C. G. Jung; vol. 7/2)

KALSCHED, D. **O mundo interior do trauma: arquétipos da autodefesa da psique**. Paulus, 2013.

NEUMANN, E. **A grande mãe: um estudo fenomenológico da figura materna**. São Paulo: Paulus, 1999.

VIEIRA NETO, I.; XAVIER, L. L.; SANTOS, N. M. W. Mito, arquétipo e arte nas performances culturais. **Revista Mosaico**, Goiânia, v. 13, p. 3-5, 2020. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/mosaico/article/view/8270>. Acesso em: 30 abr. 2026.